



O empresário Nilton e a mulher Rosana, com os filhos André e Júlia, acham que as medidas reduzirão a oferta de empregos

# 350 Incerteza na hora do jantar

**Família carioca teme tempos difíceis para patrões e empregados**

LUCIANA CONTI

Pouco antes de sentar-se à mesa para jantar com a família, o engenheiro Nilton Ferraz, de 49 anos, deu uma parada para assistir ao anúncio do ajuste fiscal feito ontem, em rede nacional de rádio e televisão, pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. Ao fim do curto discurso presidencial, aumentaram os temores de Nilton sobre o impacto das medidas na sua vida. Sua maior preocupação, no entanto, não é o orçamento familiar – quase todo comprometido com a educação dos três filhos e com o financiamento de um apartamento no Le-

blon –, mas a empresa de consultoria da qual é sócio.

O discurso do presidente pouco contribuiu para que a família Ferraz avaliasse o futuro que a espera. "Ele não quantificou as medidas fiscais e assim fica difícil saber o impacto disso no nosso orçamento", reclamou a mulher, a pedagoga Rosana Límoeiro, de 45 anos. Mesmo sem saber ao certo o que acontecerá, Nilton chegou ao fim do pronunciamento com uma certeza: as medidas são um duro golpe sobre quem trabalha e produz. "O Fernando Henrique diz que é preciso diminuir os juros e criar empregos, mas sua política de juros de 50% é para favorecer o capital especulativo", criticou o empresário.

A incerteza transformou a rotina também de sua empresa, que presta consultoria somente para o setor público. "Fiz uma

reunião com os funcionários para tranquilizá-los. Eles estão preocupados com o fim de contratos e possíveis demissões", contou. Nem mesmo em sua casa, ele está livre de conviver com o temor do desemprego. Rosana, é uma das 50 funcionárias da empresa. "Se eu perder o emprego, a gente vai ter que mexer no orçamento familiar. Os projetos em que eu estava trabalhando acabaram e agora dependo de outros", disse Rosana.

As medidas que mais assustam Nilton são o aumento da alíquota do Cofins de 2% para 3% do faturamento das empresas e as mudanças no Fundo de Estabilização Fiscal, que diminuirão o repasse para estados e municípios. Além disso, ele teme o corte de despesas nos estados e municípios: "As pessoas sentirão o efeito disso no desemprego. A pior redução é para o salário zero."